

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS**

AMANDA LUCINE ESTEVES DINIZ ARMANELLI

**ANÁLISE DAS DIMENSÕES VERBAL E FOTOGRÁFICA
EM UM DISCURSO JORNALÍSTICO EDUCACIONAL**

Monografia apresentada ao *Curso de Especialização em Língua Portuguesa: ensino de leitura e produção de textos* do Programa de pós-graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Augusto Moreira de Faria.

Belo Horizonte
Faculdade de Letras - UFMG

2011

AMANDA LUCINE ESTEVES DINIZ ARMANELLI

**ANÁLISE DAS DIMENSÕES VERBAL E FOTOGRÁFICA
EM UM DISCURSO JORNALÍSTICO EDUCACIONAL**

Monografia apresentada ao *Curso de Especialização em Língua Portuguesa: ensino de leitura e produção de textos* do Programa de pós-graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa.

Belo Horizonte, 20 de setembro de 2011

Prof. Antônio Augusto Moreira de Faria, Doutor em Letras (Orientador)

Priscila Lopes Viana, Mestre em Linguística

RESUMO

Este estudo visa a discutir a relação entre o texto verbal e as fotografias em uma revista jornalística educacional. Buscou-se analisar tanto o potencial informativo de imagens quanto a interação entre texto verbal e imagem fotográfica em uma análise dos discursos no plano verbal e no plano imagético. Para tal análise, foram usados critérios linguísticos tais como: seleção lexical; temas explícitos, implícitos ou silenciados relacionados às personagens da reportagem; participantes – personagens explícitos, implícitos ou silenciados no intradiscurso da reportagem; localização espacial e localização temporal explícitas, implícitas ou silenciadas. Ao longo desta pesquisa, constatou-se que a fotografia jornalística é uma mensagem, porém, assim como o texto escrito, ela precisa ser lida e interpretada. Por essa razão, um dos objetivos deste estudo foi discutir a necessidade de a escola preparar e formar o leitor de imagens, da mesma maneira que prepara e forma o leitor de textos escritos.

Palavras-chave: Dimensão verbal – Dimensão fotográfica - Reportagem jornalística
- Critérios linguísticos - Leitor de imagens

SUMÁRIO

RESUMO	3
1. INTRODUÇÃO.....	5
2. OBJETIVOS	8
2.1. <i>OBJETIVOS GERAIS.....</i>	<i>8</i>
2.2. <i>OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....</i>	<i>8</i>
3. SOBRE A ANÁLISE LINGUÍSTICA DO DISCURSO.....	9
4. SOBRE A RELAÇÃO ENTRE TEXTO VERBAL E FOTOGRAFIA.....	12
5. SOBRE O MÉTODO.....	16
6. A UNIDADE TEXTUAL	19
6.1. <i>APRESENTAÇÃO</i>	<i>19</i>
6.2. <i>ANÁLISE.....</i>	<i>30</i>
6.2.1. <i>Análise da matéria principal: “O dia seguinte”</i>	<i>30</i>
6.2.2. <i>Considerações sobre a matéria complementar: “Morte e vida nas favelas”</i>	<i>33</i>
6.2.3. <i>Considerações sobre as propostas de atividades: “Em Sala”</i>	<i>36</i>
7. CONCLUSÃO.....	38
BIBLIOGRAFIA	42
ANEXO I	44

1. INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea vem produzindo, cada vez mais, textos multimodais, ou seja, textos constituídos “a partir de mais de um modo representacional e comunicacional” (PINHEIRO, 2007, p. 29). Trata-se de textos que mesclam em sua composição conteúdo escrito e recursos imagéticos: fotografias, gráficos, infográficos e vídeos, entre outros.

Numa sociedade em que cada vez mais utilizamos as imagens como uma forma de comunicação, e em que elas vêm se tornando quase tão utilizadas quanto o texto escrito, temos por obrigação despertar um olhar mais atencioso e criterioso em relação a esta forma de comunicação que é recebida por nós todos os dias.

Desde o momento em que se acorda, até o final do dia, depara-se com imagens que exercem as mais variadas funções – informar, divertir, criticar, vender etc. As pessoas são bombardeadas, a cada minuto, por informações visuais, cujos significados podem e devem merecer a devida atenção por parte de todos, como forma de ampliar a compreensão da vida e do mundo. Esse tipo de texto, frequente em vários gêneros textuais que se constituem em função das imagens, aguçou a curiosidade que resultará neste trabalho.

Jacques Aumont (2002, p. 78) afirma que as imagens jamais são produzidas gratuitamente, e que desde sempre elas foram criadas para determinados usos. Cabe a cada indivíduo buscar aprimorar o espírito crítico para compreendê-las e analisá-las sob um olhar menos ingênuo e mais penetrante, associando as informações visuais aparentemente superficiais em uma imagem com o próprio conhecimento de mundo, tendo assim uma participação ativa na leitura daquela imagem. Para isso, é necessário um esforço consciente, um treinamento do olhar para penetrar o sentido subjacente às imagens, assim como se faz com a linguagem escrita.

Esse treinamento deve começar na escola, espaço destinado a formar cidadãos críticos e preparados para a vida. “Imagens, sons, gestos, cores, expressões corporais tornam-se signos abertos à decodificação. Nesse sentido, a recepção desses bens simbólicos pode ser vista como leitura, na medida em que todo recorte na rede de significações é considerado um texto.” (WALTY et al., 2001, p.90). Vale dizer que cabe ao professor atuar como mediador desse processo de formação.

Dominando o maior número possível de códigos, o cidadão pode interferir ativamente na rede de significações cultural tanto como receptor, quanto como produtor. Na escola ou na sociedade, o processamento de relações que se dá no nível da produção também pode ocorrer no nível da recepção. A escola pode ser, pois, um espaço privilegiado para a recepção crítica dos diferentes códigos e, sobretudo, deve proporcionar, de forma democrática, acesso mais amplo a eles. (WALTY et al., 2001, p. 90)

Por outro lado, a grande quantidade de imagens que circulam na sociedade não significa necessariamente pluralidade ou riqueza de sentidos, uma vez que muitas se banalizam por serem repetitivas, previsíveis e vazias de sentidos. “A repetição homogeneizadora pode levar ao seu esvaziamento e conseqüente amortecimento da consciência crítica do receptor” (WALTY et al., 2001, p.89).

Segundo Walty et al. (2001, p. 90), seria leviano afirmar que imagens e escrita são coisas opostas e excludentes, uma vez que os dois códigos se encontram em constante interação. É exatamente nessa perspectiva que se buscou desenvolver este estudo sobre a relação da dimensão verbal com a fotográfica em um discurso jornalístico educacional.

Este estudo trata da contribuição das imagens em matérias jornalísticas, assunto ainda pouco explorado no Brasil, razão pela qual não foi possível encontrar muito respaldo em bibliografia específica sobre a matéria.

Esta monografia visa a discutir o papel da fotografia dentro do texto de uma reportagem, o que inclui a sintonia entre texto e imagem. Segundo Ivete Walty,

A leitura é um processo associativo que promove a interação ‘escrita imagem’ em diversos sentidos: a imagem propriamente dita; a que ilustra textos verbais; aquela construída pelo leitor quando lê, que tanto pode restringir-se ao momento real de produção de sentido, como pode ser base de outras criações. (WALTY et al., 2001, p.7)

Dentro do texto, os códigos verbal e fotográfico podem complementar-se mutuamente, trazendo as imagens fotográficas informações adicionais ao texto verbal, e vice-versa, ou podem equivaler-se parcialmente, sendo as fotografias usadas como meras ilustrações do texto escrito.

Por isto, é preciso saber se as fotografias e outras imagens estão contribuindo para uma nova perspectiva do texto escrito, ampliando os horizontes de compreensão, ou até mesmo abrindo novos, ou se estão sendo usadas com finalidade meramente ilustrativa, podendo ser perfeitamente dispensáveis em termos de agregação de valor ao texto.

A revista *Carta na Escola* foi escolhida pelo fato de unir matérias jornalísticas de caráter educativo com temas atuais e relevantes, como por exemplo as duas matérias abordadas nesse estudo, bem como a proposta de atividades que visam a estimular a cidadania e a consciência de seus leitores. A linha editorial dessa revista vem ao encontro do que foi estudado no Curso de Especialização em Língua Portuguesa: ensino de leitura e produção de textos.

2. OBJETIVOS

2.1. OBJETIVOS GERAIS

- Avaliar, por meio da aplicação de critérios linguísticos, a interação entre texto verbal e imagem fotográfica;
- analisar a pertinência de imagens fotográficas em reportagens;
- contribuir para o ensino/aprendizagem da leitura criteriosa do conjunto texto e imagem.

2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Discutir o papel da fotografia em reportagens, bem como a sintonia entre texto verbal e imagem fotográfica, a partir de critérios linguísticos;
- verificar como a imagem fotográfica complementa ou enfatiza o texto escrito;
- verificar se a fotografia pode ampliar horizontes de compreensão ou até mesmo se desdobrar em novos horizontes;
- analisar o que prevalece nos textos da unidade textual (texto escrito ou texto fotográfico), discutindo o teor do conteúdo informativo;
- instigar a percepção dos docentes quanto à importância do conjunto informativo – texto verbal e imagem fotográfica – enfatizando a necessidade da análise criteriosa do aluno no processo de decodificação da informação.

3. SOBRE A ANÁLISE LINGUÍSTICA DO DISCURSO

Um dos objetivos deste estudo é verificar a interação entre a linguagem verbal e a linguagem não verbal, discutindo como essas duas formas de comunicação relacionam-se na transmissão da informação. Para tal análise dos textos escritos das reportagens serão utilizados alguns critérios linguísticos.

Fiorin (2005), em sua obra *Linguagem e ideologia*, resumiu a dificuldade de quem pretende estudar o tema. O autor afirma que

A linguagem é um fenômeno extremamente complexo, que pode ser estudado de múltiplos pontos de vista, pois pertence a diferentes domínios. É, ao mesmo tempo, individual e social, física, fisiológica e psíquica. Por isso, dizer que a linguagem sofre determinações sociais e também goza de uma certa autonomia em relação às formações sociais não é uma contradição. Isso implica, entretanto, distinguir dimensões e níveis autônomos e dimensões e níveis determinados (FIORIN, 2005, p. 8-9).

Segundo o autor, a linguagem é um sistema social, uma vez que ela é comum a todos os falantes de uma dada comunidade linguística. O sistema “é um todo em si e compreende o conjunto dos elementos lexicais e gramaticais que fazem parte de uma língua, a organização interna desses elementos e suas regras combinatórias” (FIORIN, 2005, p.10). Esse sistema social realiza-se concretamente nos atos da fala. E nessa realização do sistema da linguagem é fundamental fazer a diferenciação entre texto (falado ou escrito) e discurso.

Discursos “são combinações de elementos linguísticos (frases ou conjuntos constituídos de muitas frases), usados pelos falantes com o propósito de exprimir seus pensamentos (...)”, eles são uma prática social e, portanto, coletiva. Já o texto (falado ou escrito) é, nas palavras de Fiorin, “rigorosamente individual, pois é sempre um eu quem toma a palavra e realiza o ato de exteriorizar o discurso” (FIORIN, 2005, p.11).

Nesta monografia, procura-se priorizar os discursos, tanto no plano do texto escrito quanto no da imagem fotográfica. “Assim como a frase não é um amontoado de palavras, mas é uma cadeia construída segundo certas regras, o discurso não é um amontoado de frases. O discurso tem uma estrutura” (FIORIN, 2005, p.17). Devido à sua estrutura é que se pode diferenciar, em seu interior, a sintaxe e a semântica. Esses elementos norteiam o discurso, uma vez que a sintaxe discursiva “compreende os processos de estruturação do discurso” (FIORIN, 2005, p.17) e a

semântica discursiva abrange “conteúdos que são investidos nos moldes sintáticos abstratos” (FIORIN, 2005, p.18).

A sintaxe discursiva é responsável, entre muitos outros aspectos, pela maior objetividade do texto (omitindo-se o uso da primeira pessoa do discurso) ou por sua maior subjetividade (usando-se a primeira pessoa). Assim, o texto pode parecer mais ou menos pessoal, como se pode observar no exemplo de Fiorin: “Se um cientista dissesse ‘Eu afirmo que a terra é redonda’, isso poderia ser entendido como um ponto de vista pessoal. Entretanto, quando ele diz ‘A Terra é redonda’ é como se o próprio fato se narrasse a si mesmo” (FIORIN, 2005, p.17).

Já a semântica discursiva é considerada parte do campo das determinações inconscientes, uma vez que “o conjunto de elementos semânticos habitualmente usado nos discursos de uma dada época constitui a maneira de ver o mundo numa dada formação social” (FIORIN, 2005, p.19). O autor afirma que tais elementos surgem a partir de outros discursos já constituídos, mas que já tiveram pelo menos parte de suas condições de produção apagadas. São ideias/conceitos que foram absorvidos ao longo da vida e constituem a maneira de pensar o mundo de qualquer cidadão.

Para analisar o conteúdo dos discursos presentes na unidade textual da revista *Carta na Escola* utilizaremos os critérios linguísticos que foram retirados do Caderno Linguístico Didático “Discurso, texto e frase: relações semânticas e sintáticas” que constam no anexo I, página 43. Serão identificados elementos semânticos na estrutura das reportagens, tais como: seleção lexical; temas explícitos, implícitos ou silenciados, relacionados às personagens da reportagem; participantes – personagens – explícitos, implícitos ou silenciados no intradiscurso da reportagem; elementos de sentido relevantes, como por exemplo, verossimilhança e linguagem figurada; localização espacial e localização temporal explícitas, implícitas ou silenciadas no texto da reportagem. A partir da análise desses elementos, será possível verificar quais são os conjuntos de ideias defendidas e combatidas (explícita ou implicitamente) pelo texto da reportagem.

Além dos elementos semânticos, serão analisados no texto da reportagem elementos micro e macrossintáticos como, por exemplo, a forma básica do intradiscurso presente na reportagem; a organização das palavras em frases; as realizações gramaticais de pessoas, tempos, espaços e temas, entre outros elementos morfossintáticos relevantes.

Dessa forma, tendo analisado tanto os elementos semânticos quanto os elementos micro e macrossintáticos, será possível concluir qual é o discurso estruturado na reportagem e analisar se tal discurso hegemônico no texto escrito é o discurso hegemônico na imagem fotográfica e, portanto, verificar o papel da imagem num texto de reportagem.

4. SOBRE A RELAÇÃO ENTRE TEXTO VERBAL E FOTOGRAFIA

Quando se imagina um leitor plenamente maduro, um leitor proficiente, atribui-se a ele algumas características, tais como a capacidade de posicionar-se criteriosamente perante as informações que lhe são fornecidas e ir além daquelas textualmente escritas, fazendo inferências, ou seja, associando as informações contidas naquele texto com outras obtidas em leituras anteriores e em seu conhecimento anterior de mundo. Assim, o leitor será capaz de preencher as lacunas do texto com sua bagagem de experiências pessoais.

Do mesmo modo que o texto escrito necessita da participação ativa do leitor na construção de sentidos, para que o conteúdo seja potencializado informacionalmente, a imagem fotográfica também precisa dessa participação ativa. Caso contrário, como em um texto escrito, o conteúdo informacional ficará aquém das potencialidades da imagem.

Assim como a leitura do texto verbal exige um longo e complexo processo de aquisição e desenvolvimento, para que o leitor possa utilizar as diversas habilidades para a compreensão e a interpretação, o contato com o mundo visual também exige novas competências. Caso o educador adote o pressuposto de que a imagem em si é suficiente para seu adequado entendimento, pode favorecer uma atitude passiva diante das mensagens transmitidas, cada vez de forma mais intensa, por meio audiovisual. (GARCEZ, 2005, p. 107)

Se o indivíduo não é instigado, despertado para analisar criteriosamente a imagem fotográfica, simplesmente se torna mero espectador dessa forma de comunicação, absorvendo apenas alguns significados mais superficiais que não exijam um olhar mais atento. Por essa razão, insisto na importância do papel da escola na formação de um leitor de imagem. A autora Lucília Helena do Carmo Garcez chama a atenção dos professores para essa questão, na publicação acima citada, destinada a esses profissionais. Segundo ela, “É urgente que a imagem pertença ao contexto escolar, não apenas para que o ambiente seja mais coerente com o cotidiano do aluno, mas também para educá-lo para a leitura crítica das imagens” (GARCEZ, 2005, p.107).

Em sua análise sobre como ocorre o processo de leitura de imagens, Aumont (2002, p. 77) comenta a relação entre o sujeito e a imagem, observada desde os primeiros instantes desse contato, ou seja, desde o momento em que os olhos do

leitor visualizam a imagem. O autor considera que o olho não é apenas um instrumento neutro que transmite fielmente o que foi visualizado. Ele é parte fundamental do encontro do cérebro com o mundo: “[...] partir do olho induz, automaticamente, a considerar o sujeito que utiliza esse olho para olhar uma imagem, a quem chamaremos, ampliando um pouco a definição habitual do termo, de *espectador*” (AUMONT, 2002, p.77). Sendo assim, o sujeito, através do olho, visualiza a imagem e transmite para o cérebro não só a imagem, mas também toda uma carga conceitual acerca daquela imagem. As percepções de mundo que o sujeito experimenta, relacionadas àquela imagem, são interpretadas pelo cérebro como um conjunto de significações indissociáveis.

Por essa razão, Aumont diz que

[...] esse sujeito [o espectador] não é de definição simples, e muitas determinações diferentes, até contraditórias, intervêm em sua relação com uma imagem: além da capacidade perceptiva, entram em jogo o saber, os afetos, as crenças, que, por sua vez, são muito modeladas pela vinculação a uma região da história (a uma classe social, a uma cultura) (AUMONT, 2002, p.77)

Nessa perspectiva, Aumont (2002) e Garcez (2005) comungam o mesmo entendimento, defendendo a ideia de uma participação ativa do sujeito na leitura de imagens. Essa participação exige que o leitor busque a interação de seus conhecimentos de mundo com as informações contidas nas imagens. Essa interação do leitor com a imagem utilizando sua bagagem de experiência pessoal é que vai contribuir para uma nova e completa visão do todo. Portanto, um sujeito que tenha a habilidade de ler criteriosamente as imagens inseridas em um texto terá uma compreensão mais ampla da matéria jornalística, diferentemente do leitor que captou apenas as informações do texto escrito.

Santaella e Nöth (1998, p. 53) ensinam que a relação entre uma imagem e o contexto verbal em que ela se insere é íntima e variada. A imagem pode ilustrar um texto verbal, ou o texto pode esclarecer a imagem. Nos dois casos, segundo os autores, a imagem não é suficiente sem o texto, ou seja, a imagem sozinha não tem autonomia, uma vez que sua mensagem tem caráter aberto, em função da polissemia semântica. Segundo os autores, “O contexto mais importante da imagem é a linguagem verbal” (SANTAELLA; NÖTH, 1998, p. 53). Por tais afirmações entende-se que, para esses autores, o que vai dar sentido às imagens é o texto

escrito que as acompanha. Então, o texto escrito direciona as informações em uma leitura de imagens.

Nessa mesma publicação, os autores discutem mais profundamente a relação entre imagem e texto verbal, abordando três tipos de relações existentes: o papel da imagem em um texto, as referências indexicais e as relações no plano de expressão:

(1) a imagem é inferior ao texto e simplesmente o complementa, sendo, portanto, redundante. (...) (2) A imagem é superior ao texto e, portanto, o domina, já que ela é mais informativa do que ele. (...) (3) Imagem e texto têm a mesma importância. A imagem é, nesse caso, integrada ao texto. (SANTAELLA; NÖTH, 1998, p. 54)

Na primeira relação, a complementaridade que os autores citam decorre da equivalência entre texto e imagem. Santaella e Nöth (1998) consideram vantajoso esse tipo de relação, quando os “conteúdos de imagem e de palavra utilizam os variados potenciais de expressão semióticos de ambas as mídias” (SANTAELLA; NÖTH, 1998, p. 55). Observam, por outro lado, que pode haver também casos de contradição entre imagem e texto, quando ambos os conteúdos se confrontam, apontando para sentidos totalmente opostos. Contudo, segundo os autores, essa disposição lado a lado de imagem e texto contendo mensagens opostas pode contribuir para uma visão holística da mensagem total.

A segunda relação citada pelos autores concerne às referências indexicais. Para explicar essa relação, Santaella e Nöth (1998) se apoiaram na teoria de Barthes (BARTHES, 1964 *apud* SANTAELLA; NÖTH, 1998), em que ele diferencia duas formas de referências recíprocas denominadas *ancoragem* e *relais*. A *ancoragem* acontece quando “o texto dirige o leitor através dos significados da imagem e o leva a considerar alguns deles e a deixar de lado outros. [...] A imagem dirige o leitor a um significado escolhido antecipadamente” (BARTHES, 1964 *apud* SANTAELLA; NÖTH, 1998, p. 55). Já a *relais* acontece quando “o texto e a imagem se encontram numa relação complementar. As palavras, assim como as imagens, são fragmentos de um sintagma mais geral e a unidade da mensagem se realiza em um nível mais avançado.” Esses dois modelos apresentados por Barthes são formas de referência indexical entre palavra e imagem.

As duas primeiras relações entre imagem e texto apontadas pelos autores ocorrem primordialmente no plano de conteúdo, enquanto a terceira se dá no plano de expressão. Esta última relação acontece de três formas:

(1) *Coexistência*: palavra e escritura aparecem numa moldura comum; a palavra está inscrita na imagem. (2) *Interferência*: a palavra escrita e a imagem estão separadas uma da outra espacialmente, mas aparecem na mesma página (por exemplo, em ilustrações de textos com comentários textuais). (3) *Co-referência*: palavra e imagem aparecem na mesma página, mas se referem ao mundo uma independente da outra (SANTAELLA; NÖTH, 1998, p. 56.).

Barthes (1990, p. 11) aborda a questão das imagens fotográficas. O autor faz uma afirmação que vem ao encontro do que se pretende a averiguar nesta pesquisa: “a fotografia jornalística é uma mensagem”. Ele acredita que a estrutura da fotografia não é isolada, uma vez que se identifica com, pelo menos, mais uma estrutura – título, legenda ou texto – que acompanha toda fotografia jornalística. O autor afirma que as duas estruturas – texto verbal e imagem – se completam, embora sejam diferentes e ocupem espaços separados, razão pela qual devem ser analisadas separadamente, esgotando o significado de cada uma delas individualmente, pois só assim será possível compreender como ambas se completam.

5. SOBRE O MÉTODO

Imagens, principalmente fotografias, são características marcantes em reportagens jornalísticas, por serem fontes de informação tão importantes quanto o texto escrito. Por esta razão, serão analisadas no próximo capítulo a dimensão verbal e a dimensão fotográfica, interagindo no discurso jornalístico, em um texto de reportagem.

Com a finalidade de desenvolver uma análise criteriosa (com base nos critérios anexos no final desta monografia) do papel que a fotografia exerce na reportagem, bem como da relação existente entre as duas dimensões discursivas, optou-se por analisar não apenas uma amostra desse gênero, mas uma unidade textual de uma revista educacional.

Entende-se por *unidade textual* um conjunto de textos que tem por função discorrer sobre determinado tema. É composta pela reportagem principal; por uma matéria complementar - que foi escrita por um profissional da área abordada na reportagem principal, com a finalidade de comentá-la - e por propostas de atividades que poderão ser aplicadas em sala de aula.

Neste caso específico, optou-se por uma unidade textual sobre um tema atual na sociedade e, conseqüentemente, no noticiário brasileiro e internacional. A escolha da revista não foi mero acaso, uma vez que veio ao encontro da proposta da Especialização: ensino de leitura e produção de textos.

O material foi extraído da revista *Carta na Escola*, publicação destinada a profissionais voltados para a área da Educação. Essa revista foi escolhida pelo fato de unir matérias de caráter educativo com temas atuais e relevantes, como por exemplo as duas matérias abordadas nesse estudo, bem como a proposta de atividades.

A revista escolhida apresenta um só discurso, o jornalístico educacional (jornalístico, no plano da enunciação; educacional, no do enunciado), que se desenvolve em duas dimensões complementares: a verbal e a fotográfica. A linha editorial vem ao encontro do que foi estudado no Curso de Especialização em Língua Portuguesa: ensino de leitura e produção de textos.

A unidade textual da revista a ser estudada é composta por três partes. A primeira, uma matéria principal, que relata os bastidores da megaoperação articulada para desmantelar o comércio de drogas e armas na Favela Complexo do

Alemão, situada no Rio de Janeiro. A segunda parte é constituída por uma matéria complementar, escrita pela antropóloga Alba Zaluar, uma das maiores estudiosas brasileiras do tema violência urbana, cujo objetivo é fazer uma análise sobre como vivem jovens e crianças submetidos a essa situação de violência e crime organizado. Por último, há um texto que apresenta propostas de atividades a serem desenvolvidas em sala de aula e que visam a estimular a cidadania e a consciência de seus leitores.

Em toda essa unidade textual pode-se observar a presença de fotografias, que serão objeto de análise, assim como a dimensão verbal, sob a luz de critérios linguísticos retirados do Caderno Linguístico Didático “Discurso, texto e frase: relações semânticas e sintáticas”, constantes do anexo I deste estudo.

Dentre os critérios linguísticos mencionados no anexo I optamos por trabalhar mais especificamente com os que estão relacionados abaixo por considerá-los mais adequados para a análise do conjunto informativo texto e imagem. São eles:

- Seleção lexical;
- temas explícitos, implícitos ou silenciados relacionados às personagens;
- participantes ou personagens explícitos, implícitos ou silenciados;
- localização espacial e localização temporal explícitas, implícitas ou silenciadas;
- outros elementos de sentido relevantes (verossimilhança e linguagem figurada, por exemplo);
- conjunto de idéias defendidas e combatidas: explícitas e implícitas;
- organização das frases em parágrafos;
- posicionamento do discurso hegemônico nos textos, com relação aos discursos hegemônicos na sociedade em que se situa;
- realizações gramaticais de pessoas, tempos, espaços e temas;
- identificação dos principais elementos de linguagem não verbal.

É importante ressaltar que critérios como seleção lexical, como organização das frases em parágrafos e como realizações gramaticais de pessoas, tempos, espaços e temas são elementos semânticos e sintáticos aplicáveis apenas ao texto verbal. Já o critério que trata da identificação dos principais elementos de linguagem não verbal é um elemento pertencente ao plano do enunciado aplicável somente às imagens fotográficas. Os demais critérios linguísticos serão utilizados tanto na

análise do plano verbal como na análise do plano não verbal das matérias jornalísticas.

Para a análise do texto fotográfico, além dos itens que foram extraídos do anexo I será abordada a questão do apelo que as fotografias apresentam. Para isso serão analisados critérios formulados com base nas técnicas de diagramação e produção gráfica de mídia impressa e na própria relação entre o discurso do texto escrito e o discurso da imagem fotográfica. São eles:

- Quantidade de imagens utilizadas em cada matéria jornalística;
- disposição das imagens ao longo das matérias;
- disposição da imagem na página da revista: tamanho e enquadramento;
- verificação da utilização de fotografia simples ou montagem fotográfica.

6. A UNIDADE TEXTUAL

6.1. APRESENTAÇÃO

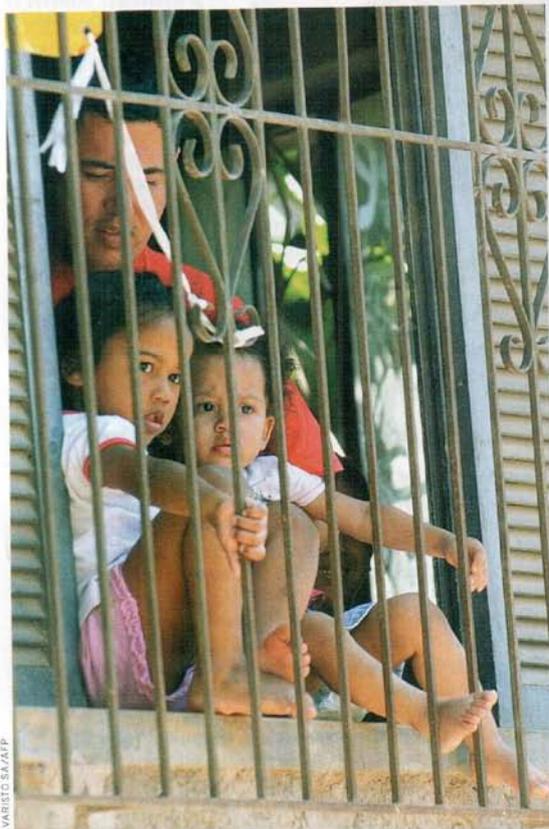
Os textos que serão trabalhados a seguir foram extraídos da edição nº 53 da *Revista Carta na Escola*, um periódico de publicação mensal direcionado a profissionais que atuam na área da Educação.

A revista aborda conteúdos que associam temas contemporâneos presentes na sociedade brasileira com assuntos vivenciados por professores em sala de aula, ou seja, a publicação aborda desde métodos de aprendizagem até violência dentro e fora das escolas, tecnologia, políticas educacionais e outros assuntos.

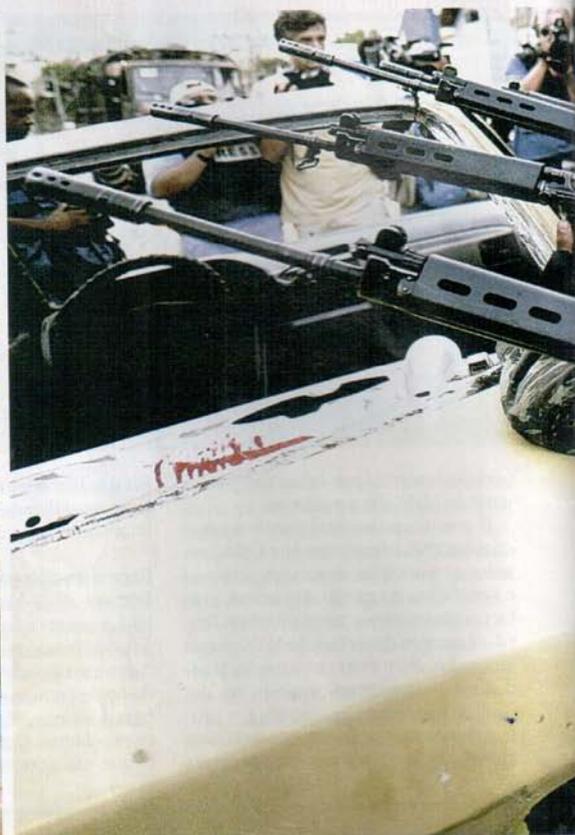
O que levou à escolha da unidade textual nesta revista foi o fato de que, além de apresentar uma reportagem interessante, que ocupou as manchetes de diversos noticiários no fim de 2010, a revista *Carta na Escola* traz uma matéria escrita por uma antropóloga e professora titular da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Alba Zaluar, que mostra os desdobramentos da violência (como ela atinge crianças e jovens de comunidades carentes). Além desses textos, a revista apresenta uma sugestão para os professores, relacionada com o desenvolvimento de atividades de produção textual em sala de aula. Atividades que têm como objetivo despertar e aguçar a consciência crítica e o exercício da cidadania dos alunos, desenvolvendo neles competências e habilidades educacionais especificadas nessa seção da revista.

A esse conjunto composto pelas duas matérias jornalísticas educacionais mais a proposta de atividades será dada, nesta pesquisa, a designação de unidade textual. A análise de tal unidade mostrou-se pertinente pelo fato de estudar três textos ao invés de uma única matéria jornalística. Assim poderemos analisar a presença de imagens fotográficas em três tipos diferentes e integrados de matérias jornalísticas: uma reportagem, um artigo e uma proposta de atividade. Desta forma, constataremos a contribuição informacional de fotografias em mais de um gênero jornalístico educacional, tornando a pesquisa mais completa.

Seu País



EVERETT SA/ATP



O dia seguinte

SEGURANÇA | O Estado retoma o controle de morros do Rio, mas a população permanece refém da lógica da guerra

POR RODRIGO MARTINS, DO RIO DE JANEIRO

A O LADO DE UM caminhão do Exército, ao menos 40 soldados se reúnem para receber instruções dos seus oficiais. Estão preparados para o combate:

roupas camufladas, coletes balísticos, capacetes, fuzis a tiracolo. Poucos metros adiante, policiais vasculham a mochila de motoqueiros, pistolas apontadas para a cabeça dos suspeitos. Em volta, um vaivém intenso de homens, mulheres e crianças aparentemente indiferentes ao

cenário de guerra, montado no entroncamento da Estrada do Itararé com a Rua Joaquim de Queiroz, na Favela da Grota, um vale de casebres erguidos na base do improviso entre os morros do Alemão e da Alvorada. Esse é o cenário de uma das áreas que acabam de voltar ao controle do



ANTONIO SCORZA/AFR

Estado, após a megaoperação envolvendo quase 3 mil homens das Forças Armadas e das polícias para combater o tráfico no Rio de Janeiro. A promessa: pacificar o local, com a presença permanente de agentes de segurança pública no local.

“Essa não é a primeira vez que a polícia ocupa o Complexo do Alemão. O povo está esperançoso de que a guerra do tráfico vai acabar, mas tem os seus receios. Teme que a polícia vá embora e tudo volte a ser como sempre foi”, comenta Alan Brum Pinheiro, coordenador do Instituto Raízes em Movimento, ONG que desenvolve projetos sociais no emaranhado de 13 favelas da zona norte, onde vivem mais de 65 mil habitantes. “Além disso, a população tem muito receio da polícia. Até porque ela sempre tratou o favelado com desrespeito, ao impor revistas vexatórias, invadir casas sem mandado, em alguns ca-

sos até para roubar pertences. Após essa operação, surgiram várias denúncias. Se o governo não enfrentar a corrupção na polícia, deixaremos de ser reféns do tráfico para ficar nas mãos de milicianos.”

Apesar dos temores do líder comunitário, uma pesquisa revela que a população fluminense aprova as medidas adotadas pelo governo contra o tráfico. O Ibope ouviu mil moradores do estado do Rio, entre 27 e 29 de novembro, e constatou que 88% dos entrevistados se mostraram favoráveis às incursões da polícia nos morros cariocas. Passados dez dias da operação montada para fazer frente aos ataques do Comando Vermelho, a principal facção criminosa do estado, o governo do Rio também fez um balanço positivo das operações que resultaram na retomada do controle estatal sobre a Vila Cruzeiro e o Complexo do Alemão, considerados os maiores entrepostos do varejo de drogas na capital fluminense.

A operação foi um golpe no varejo do tráfico, pequena ponta do problema do comércio de drogas e de armas

Vítimas. A operação teve baixo índice de letalidade (37 mortes), avaliam especialistas e o governo

Seu País Segurança

Na quarta-feira 1ª, a Polícia Militar anunciou a prisão de 124 criminosos e a apreensão de 215 armas de diferentes calibres, incluindo metralhadoras, fuzis (parte deles pertencente ao arsenal das Forças Armadas) e até uma bazuca de 1,6 metro de comprimento, capaz de destruir blindados.

Além disso, foram confiscados 24,2 toneladas de maconha, 88 quilos de cocaína e 563 pedras de crack. O total se refere somente às drogas apreendidas pela PM (também participam da operação a Polícia Civil, a Federal e as Forças Armadas). No mesmo dia em que o balanço foi divulgado, foram incineradas 42 toneladas de drogas em Volta Redonda (RJ). O prejuízo causado ao tráfico é estimado em 100 milhões de reais pela cúpula da PM.

Trata-se do maior golpe já aplicado às finanças do Comando Vermelho. O secretário de Segurança Pública, José Mariano Beltrame, destaca ainda o mérito da baixa letalidade nas incursões (37 mortos até a quarta 1ª). “Não permiti execuções ou prisões arbitrárias. Muitos me perguntam por que deixamos tantos traficantes fugir, mas nós seguimos a lei. Não podíamos atirar pelas costas ou a esmo, contra qualquer um que pareça suspeito”, afirmou, durante caminhada pelo Complexo do Alemão.

“Diante do tamanho do cerco montado no Complexo do Alemão, todos esperavam uma carnificina, o que não ocorreu. A polícia, numa atitude inédita, usou instrumentos de inteligência para fazer ataques precisos e poupar a vida de civis”, reconhece Raquel Willadino, coordenadora de Direitos Humanos do Observatório das Favelas. “Apesar da letalidade baixa, são preocupantes essas denúncias de abusos cometidos contra a população após a ocupação dos morros. Fora que a ocupação militar, pura e simplesmente, não resolverá os problemas das comunidades. Falta saneamento, falta educação, falta tudo. O governo precisa estar sensível às demandas dessas comunidades.”

O governo garante que não faltarão recursos para as obras de infraestrutura. As favelas ocupadas dispunham de cerca de 827 milhões de reais do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) para obras de saneamento e outras intervenções urbanas, como o teleférico do Complexo do Alemão. Também foram anunciados a construção de 19 escolas, obras de contenção das encostas e um programa habitacional orçado em 144 milhões de reais, entre outras medidas. “Boa parte dessas

obras estava em curso, mas era preciso pacificar as comunidades”, diz Beltrame.

Certo é que a retomada de uma área tão populosa, até pouco tempo dominada por criminosos andando livremente pelas ruas com fuzis e metralhadoras, animou até mesmo quem faz oposição ao governo. “Não há como não reconhecer que a retomada do controle da Vila Cruzeiro e do Complexo do Alemão foram marcos na história do Rio, porque finalmente libertou uma população acuada pelo tráfico”, diz o deputado estadual Marcelo Freixo (PSOL), presidente da Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa e da CPI das Milícias. “Precisamos, contudo, deixar o ufanismo de lado e colocar o pé no chão. O tráfico não acabou. A polícia não prendeu nenhum grande traficante, apenas algumas lideranças que atuavam

no varejo. Ninguém sabe quem são os acadistas. E não houve nenhuma sinalização de um plano de combate ao tráfico de armas, ponto central nessa discussão. Não se consome mais droga no Rio do que em São Paulo. A diferença é aqui o tráfico controla territórios com armamento de guerra. É por isso que aqui o tráfico é mais violento que em qualquer outra capital.”

O ministro da Justiça, Luiz Paulo Barreto, anunciou na segunda-feira 29 um plano de cooperação internacional, envolvendo Peru e Bolívia, para combater o tráfico de drogas e armas não só no Brasil, mas em todos os países da América do Sul. A responsabilidade pelo controle das fronteiras é federal, mas os especialistas não descartam as responsabilidades do governo estadual no combate. “Raramente temos notícias de grandes carregamentos de armas e drogas nas rodovias fluminenses, no porto, na Baía de Guanabara. Essa mesma integração que há entre os governos para combater o tráfico da favela deveria existir no reforço das patrulhas marítimas, das operações nas estradas”, opina o sociólogo José Cláudio Souza Alves, pró-reitor de extensão da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O especialista ressalta ser preciso acabar com a visão romancada da luta do “bem contra o mal” na guerra travada entre policiais e traficantes. “O que está ocorrendo no Rio de Janeiro, hoje, é a reconfiguração geopolítica do crime. De um lado, as milícias, de outro, o Comando Vermelho e outras facções, que agora reagem à perda de hegemonia. Só que

Mais de 250 armas de diferentes calibres foram apreendidas, incluindo fuzis, metralhadoras e uma bazuca de 1,6 m

In loco. As queixas contra policiais perseguiram Beltrame pelo Complexo do Alemão



GUILHERME LEPORACE/CPDOC/IB/FOLHAPRESS



EVARISTO/SAFEP

o Estado foi conivente com as milícias, integradas por policiais, durante muito tempo. E ainda hoje não se dispõe a enfrentá-la, até porque os milicianos evitam ao máximo confrontos com colegas de farda”, afirma. “No fim das contas, os traficantes que foram expulsos do Complexo do Alemão e da Vila Cruzeiro devem se estabelecer em outros territórios, principalmente nos municípios da Baixada Fluminense. E, nos territórios controlados por milicianos ou sob o controle das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs), o tráfico continuará, talvez com menor intensidade, mas seguramente sem a presença de homens armados até os dentes.”

Na avaliação do sociólogo Ignácio Cano, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, esse fenômeno representa-

ria uma sofisticação do tráfico de drogas, que pode se tornar mais lucrativo e menos violento. Isso porque o modelo armado de tráfico custa muito mais caro, por ter de recrutar soldados, armá-los e, por vezes, dividir os lucros com a banda podre da polícia, para evitar prisões ou apreensões de droga. “Quando o criminoso segue a lógica de controle territorial, ele precisa estar preparado para enfrentar os rivais ou a polícia. Mas se ele não controla um território, atua mais discretamente, faz entregas *delivery*, não precisa mais carregar um fuzil”, explica. “As UPPs devem ser vistas sob esse ponto de vista. Elas pacificam porque impedem o controle territorial por qualquer grupo. Acabam os tiroteios. O problema é que as UPPs estão se expandindo num ritmo muito lento. E

estão concentradas, sobretudo, nas favelas da zona sul, em torno do Maracanã e em outras localidades que abrigarão instalações dos Jogos Olímpicos. Caso o governo não dê atenção às comunidades do Rio de forma mais ampla, há o grande risco de a barbárie apenas mudar de endereço, migrar para a periferia.”

Atualmente, estima-se que o tráfico mantenha o controle territorial de 56,9% das mais de mil favelas fluminenses, revela um estudo do Núcleo de Pesquisas das Violências da Uerj. Já as milícias, que começaram a tomar corpo há cerca de cinco anos, controlariam 41,5%. Enquanto isso, as 13 comunidades ocupadas por UPPs correspondem a menos de 3% do território. De acordo com Wálter Fanganiello Maierovitch, colonista de *CartaCapital*, apesar de as milícias não entrarem em confronto com a polícia elas precisam ser combatidas com vigor. “No começo, as milícias chegaram a ser incentivadas pelo governo Cesar Maia. Só que elas governam territórios, escravizam moradores, cobram, como a Cosa Nostra siciliana, a mafiosa “taxa” de proteção, traficam drogas, fazem “gatos” de TV a cabo, controlam o transporte das vans”, afirma. “Não podemos perder de vista que esses paramilitares fluminenses atuam à semelhança dos temíveis e sanguinários Zetas mexicanos ou Autodefesas Unidas da Colômbia (AUC), criadas para combater as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc). Mas pouco tem sido feito contra elas.”

Outra necessidade apontada pelos especialistas é a necessidade de reestruturação das polícias, do pagamento de salários mais dignos à criação de órgão de controle da atividade policial efetivos. Objetivo: combater a corrupção. “Para uma estratégia de policiamento comunitário dar certo, é indispensável ter profissionais honestos e comprometidos com os direitos humanos. Caso contrário, a população não confiará na polícia e será muito mais difícil combater o tráfico. Fora o risco de o povo ficar à mercê de violências cometidas pelos próprios agentes do Estado”, alerta Willadino.

De acordo com o comandante da PM do Rio, coronel Mário Sérgio, a participação dos moradores tem sido fundamental para a polícia descobrir o esconderijo de criminosos, drogas e armas nas favelas do Complexo da Penha. Tanto um carro de som da polícia percorre as ruas e vielas da região para divulgar os números de

Seu País Segurança

telefone nos quais os moradores podem fazer denúncias anônimas. "A polícia está do seu lado, colabore!", diz uma das mensagens, repetidas à exaustão do altofalante da picape azul, fortemente guardada por homens com fuzis. Os desvios de conduta de alguns policiais podem, porém, atrapalhar a estratégia.

Em dois dias, a Corregedoria da Polícia Militar registrou 27 denúncias de abusos cometidos pelos agentes da operação. Arrombamentos, invasões de residências, maus-tratos e agressões são as queixas mais recorrentes. Também há registros de supostos roubos cometidos por policiais, como o denunciado por um morador da Vila Cruzeiro, que diz ter perdido 31 mil reais, sacados do Fundo de Garantia, após uma vistoria na sua casa.

Uma diarista chegou a constrianger o secretário Beltrame em sua caminhada pela Favela da Grota. "Os PMs me espremearam na pia da cozinha, perguntando se eu sabia onde estavam escondidos os traficantes, se eu sabia onde era o paiol. Não sei de nada, pra mim paiol é lugar que guarda milho", contou Cleonice de Freitas, de 54 anos, dedo em riste diante da comitiva do governo. "Depois eles queriam levar 2 mil reais do meu filho, que ele ganhou de rescisão do trabalho, e 400 reais meus. Eu parti para cima deles, onde já se viu um policial roubar uma senhora?" Beltrame pediu desculpas e prometeu investigar todas as denúncias.

Nem todos os moradores têm coragem de registrar queixa. É o caso de uma cos-



EVANILDO SA/APP

Sem ilusões: ao retomar o controle das favelas, as UPPs podem evitar os confrontos, mas não eliminar o tráfico

Esperança. Quase 90% da população carioca aprova as ações do governo contra o crime



VITOR SILVA/CPDCC/IB/FOTHAPEIXS

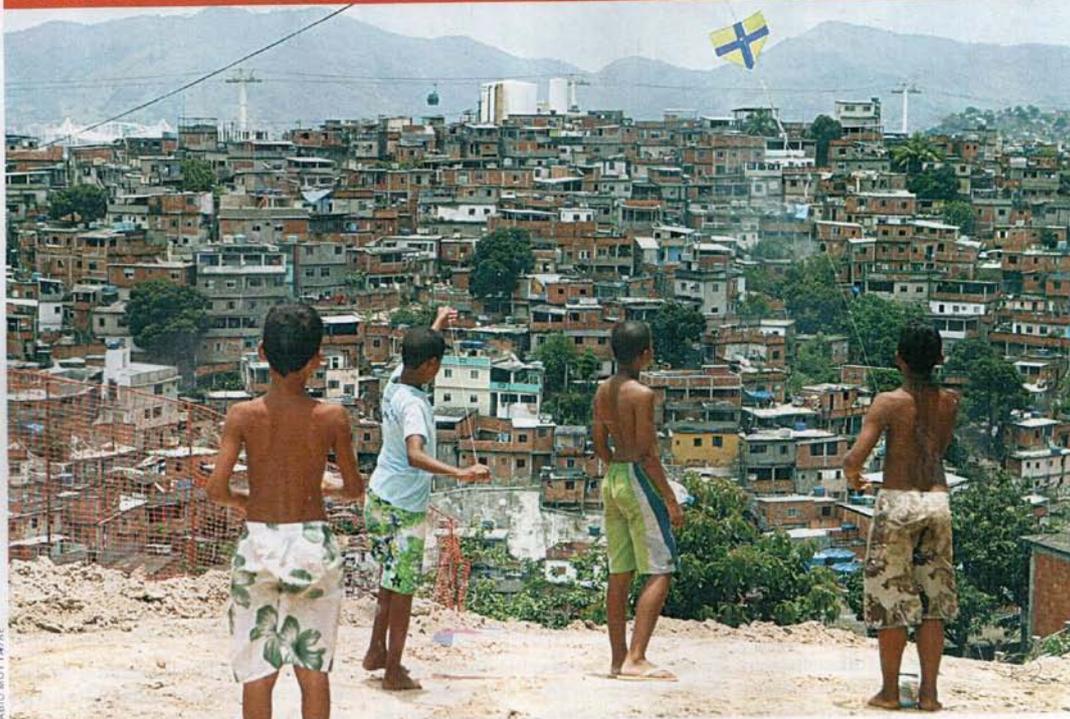
tureira de 41 anos, que afirmou a *CartaCapital* ter perdido 190 reais após uma batida policial na sua casa. "O dinheiro sumiu do guarda-roupa, mas eu temo ir atrás do safado. Tenho filhos adolescentes e passo a maior parte do dia fora de casa. Vai que ele resolve voltar e descontar nos meninos." Outro morador, o enfermeiro Jailton Cruz, de 49 anos, diz ter flagrado dois policiais na porta de sua casa com um litro de uísque e um monitor de LCD. "Eles disseram que um ladrão tinha invadido a minha casa e perguntaram se aquilo me pertencia. Depois devolveram. Cheguei a acreditar neles, mas meus vizinhos viram tudo. E falaram que não havia ladrão nenhum, só eles", comenta, indignado.

Um comerciante da Vila Cruzeiro se queixa dos policiais que consomem nos bares da região, não pagam e mandam o dono da lanchonete "pendurar na conta de Fabiano", em alusão a Fabiano Anastácio, o FB, traficante acusado de abater um helicóptero da PM em 2009. Além das agressões contra moradores, a cúpula de Segurança do Rio investiga o envolvimento de policiais no desvio de drogas e armas apreendidas, assim como a facilitação de fuga de traficantes.

Onde foi testado, o modelo de UPP conseguiu evitar os frequentes tiroteios e o controle territorial de criminosos. Mas o tráfico de drogas permanece, sem a presença ostensiva de jovens armados com fuzis. Tanto que, ainda hoje, a polícia, vez ou outra, prende um traficante em Cidade de Deus ou no Morro Dona Marta, áreas tidas como "pacificadas".

O descontentamento de alguns líderes comunitários reside no caráter militarizado de algumas UPPs. "No Dona Marta, espalharam câmeras de vigilância por toda a comunidade e proibiram a realização de festas sem a autorização da polícia. O baile funk está banido. Outras manifestações culturais, ameaçadas. Não acho conveniente impor aos moradores de uma comunidade um estado de sítio permanente", critica Willadino. "Superada a questão da violência, e nisso a UPP tem se mostrado eficaz, precisamos refletir sobre o modelo de cidade que queremos. Se queremos uma cidade para todos ou reforçar o *apartheid* social, segregando cada um no seu canto e colocando a polícia para vigiar. Se optarem pela segunda opção, posso te garantir, esses conflitos não acabarão nunca", completa o líder comunitário Alan Brum. ●

Carta na Escola



Morte e vida nas favelas

CIDADANIA | Como as práticas do crime organizado e a violência atingem crianças e jovens pobres

POR ALBA ZALUAR, ANTRÓPOLOGA E PROFESSORA TITULAR DA UERJ E AUTORA, ENTRE OUTROS, DE *INTEGRAÇÃO PERVERSA*

A redução da explicação da criminalidade violenta à pobreza e desigualdade impede um entendimento mais complexo da questão. As interconexões entre a economia legal e a ilegal nos tráficos é também pouco acionada nas teorias necessárias para políticas públicas mais eficazes e democráticas. A disseminação das práticas do crime organizado, longe de se restringir ao tráfico de drogas ilegais, inclui o tráfico de armas, de crianças e de mulheres, à corrupção.

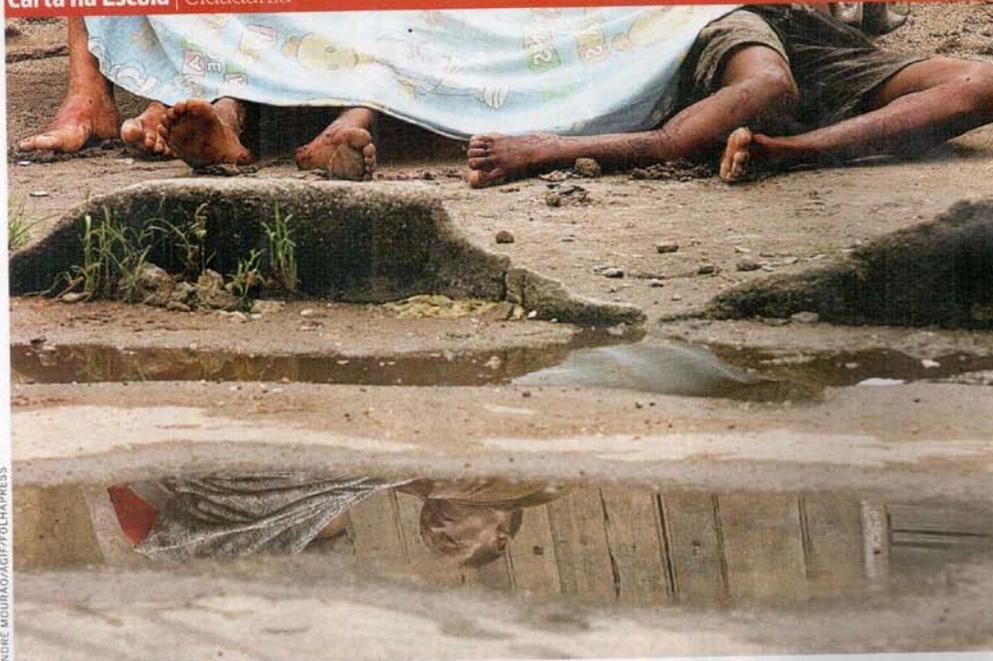
Os moradores das favelas são obrigados a viver entre tiranias e têm limitado seu direito de ir e vir

Alvo. As práticas do crime organizado tornam os jovens carentes ainda mais vulneráveis

Tampouco permite analisar os efeitos inesperados da violência que aumenta o sofrimento dos pobres. Isso na medida em que obriga a viver entre tiranias – a dos traficantes e a das polícias – e limita seu ir e vir, sua liberdade de expressão na vizinhança, além de tornar vulneráveis os jovens carentes. O acesso aos serviços e instituições do Estado – escolas, postos de saúde, quadras de esporte e vilas olímpicas – ficou restrito também para os profissionais que atendiam a população.

Nas favelas e bairros pobres adjacentes das grandes cidades brasileiras o policiamento é precário, a investigação,

Carta na Escola | Cidadania



ANDRÉ MOURÃO/AGIF/FOLHAPRESS

FABIO MOTA/VE

muitas vezes inexistente, diferentemente do que acontece nos bairros mais ricos da cidade. Este é um elemento importante na equação que vai explicar a existência de pontos quentes de crimes violentos, especialmente o homicídio, um crime quase nunca investigado nas áreas onde há favelas dominadas por traficantes. Além da vulnerabilidade que a pobreza cria, a rede de relações sociais e de proteção institucional do sistema de justiça tem enormes falhas em tais locais.

Em São Paulo, uma pesquisa apontou o homicídio como crime de pobres contra pobres. As autoras ressaltaram dois aspectos: 46,3% dos bairros visitados, todos nas zonas mais carentes da cidade, não contavam com ronda policial; a maior parte dos casos decorria de conflitos banais na periferia que poderiam ser evitados com políticas públicas que criassem formas de mediação na vizinhança ou na família. Por fim, a maior parte das vítimas teve morte anunciada e seus familiares sabiam do destino por terem elas vinculações com traficantes de drogas ilegais, seja como usuários contumazes, seja por participação em outros crimes.

No Rio de Janeiro, estimativas demográficas indiretas, a partir de dados censitários de 2000, permitiram

a comparação entre diferentes regiões administrativas (RA) da cidade, entre as quais figuram as cinco mais populosas favelas em diferentes zonas da cidade. Por meio delas é possível identificar as regiões de maior risco de mortes violentas, estimando a probabilidade de se morrer jovem, antes dos 30 anos para quem sobreviveu até os 15, visto que nesta faixa de idade 80% das mortes são violentas.

As diferenças entre as RAs são significativas: na Lagoa, bairro de alta renda familiar, 3,1 entre os mil sobreviventes até os 15 anos não completaram 30; no Complexo do Alemão, conjunto de favelas com o menor IDH da cidade, 12,9 entre mil morrem antes dos 30. As outras três RAs com maior proporção de jovens que não chegam aos 30 são favelas dominadas por traficantes: Jacarezinho (10), Maré (9), Rocinha (9) e Cidade de Deus (6).

Quando inseridas no mapa da cidade, quatro das RAs, onde o risco de morrer jovem é maior, estão localizadas nos subúrbios, perto da Baía de Guanabara e dos aeroportos e portos, aonde chegam navios e aviões, assim como ao longo da Avenida Brasil, por onde passa o transporte rodoviário que liga o Rio de Janeiro a outros estados e aos países produtores de drogas ilegais.

Segundo dados da pesquisa domiciliar de vitimização realizada em 2006 pelo Nupevi, a Polícia Militar era mais violenta e menos presente nas favelas e nos bairros pobres dos subúrbios, onde estão as RAs que exibiram maior risco de morte antes dos 30 anos. A PM disparava dez vezes mais tiros nas favelas do que no asfalto. O barulho de tiros, por outro lado, era ouvido por 60% dos entrevistados nos subúrbios, 65% no centro, mas por 30% na média da cidade.

CONVIVÊNCIA E GUERRA

Essa pesquisa de vitimização também revelou o paradoxo da cidade: nas áreas mais pobres, onde a violência grassava, a boa convivência entre vizinhos, marca da cultura suburbana, era maior. Essa boa convivência, assim considerada pelos entrevistados, apresentava proporções mais altas nas áreas em que vivem os pobres: centro (52%), subúrbios (39%) e zona oeste 36%, enquanto em zonas ricas da cidade era a metade: 20%.

Mais isolados internamente e alvo de desconfiança e medo dos seus vizinhos prósperos, bairros e favelas onde moram os pobres, embora tenham historicamente contado com grande capacidade organizativa que se concretizou nas escolas de samba, blocos de



Bairros onde moram os pobres enfrentam incursões eventuais e violentas de forças policiais não guiadas pelas normas legais

Crime sem castigo.

Os homicídios geralmente não são investigados em favelas dominadas pelo tráfico

carnaval, times de futebol e associações de moradores, não contam hoje com os serviços públicos de qualidade na saúde e na educação. E enfrentam os efeitos desastrosos da falta de policiamento, com incursões eventuais e violentas de forças policiais que não se guiam pelas normas legais.

Sem contar com os controles informais, enfraquecidos pela militarização dos traficantes, nem com a mediação de conflitos entre esses últimos sempre disputando o controle dos pontos de venda e de domínio local, o poder policial entrava em áreas já conflagradas pelo conflito armado. Em círculo vicioso, esta situação só fazia reforçar as práticas policiais baseadas no abuso de poder e na perspectiva da “guerra contra os inimigos internos” estabelecidas nas últimas décadas. Mas a polícia não deveria fazer guerra contra cidadãos trabalhadores, crianças, idosos, jovens estudantes e donas de casa nem até mesmo contra suspeitos de praticarem crimes. A ideia da guerra contra outro poder armado “paralelo”, com alta capacidade de corromper, dificultou a adesão às normas legais que precisariam orientar a ação policial.

No Rio de Janeiro, as armas de fogo são mais facilmente obtidas por causa dos portos e vários aeroportos, assim

como os mais importantes depósitos de armamentos das Forças Armadas que estão dentro do seu território. Muitos furtos ocorreram em tais depósitos. Contrabandistas e policiais corruptos também forneciam armas às quadrilhas. O tráfico se militarizou. O uso de armas de fogo pelos traficantes se explica pela lógica da guerra: competidores se tornam inimigos mortais que é preciso dissuadir pelo aumento progressivo do arsenal de armas e homens da quadrilha.

Os comandos passaram a disputar violentamente o território onde controlavam os negócios, a proibir os moradores de áreas dominadas de cruzar o seu perímetro, até mesmo para visitar amigos ou parentes. Por isso, favelados, desses bairros, falavam de uma “guerra sem fim” que opunha traficantes de comandos inimigos ou policiais contra traficantes. Na guerra, não somente os quadrilheiros, mas também os jovens que viviam em favelas amigas, eram obrigados a ajudar cada vez que os opositores atacavam qualquer favela do mesmo comando. Os “soldados” ou “falcões” formavam então um “bonde”, que responderia ao ataque de outro “bonde”, constituído da mesma maneira. Por isso, os vizinhos não tinham permissão de cruzar as fronteiras en-

tre as favelas inimigas. Homens foram mortos porque passaram de um setor a outro dominado por redes beligerantes do tráfico. Mesmo para trabalhar, mesmo para se divertir no baile. Mulheres foram mortas por ousarem namorar homens de favelas “inimigas”.

ETOS GUERREIRO

Adolescentes morreram não apenas em conflitos pelo controle dos pontos comerciais, mas igualmente por ameaças à sua reputação. Jovens ensaiando afirmar sua masculinidade no qual o orgulho não se origina da gentileza e outras posturas civilizadas, mas da disposição de destruir o adversário, passaram a se identificar com o comando como se este fosse sua pátria, defendida até a morte. Absorveram o etos guerreiro que visa a destruição física do rival, tornado inimigo mortal, por isso chamado de “alemão”. Passou a vigorar o contágio de práticas da violência para fora da rede do tráfico. Jovens passaram a andar armados para se proteger de outros jovens armados; juntaram-se a quadrilhas por crer que assim contariam com sua proteção militar, jurídica e pessoal; prepararam-se para a guerra, aprenderam a ser cruéis e matar sem hesitação outros jovens pobres como eles, mas “alemães”.

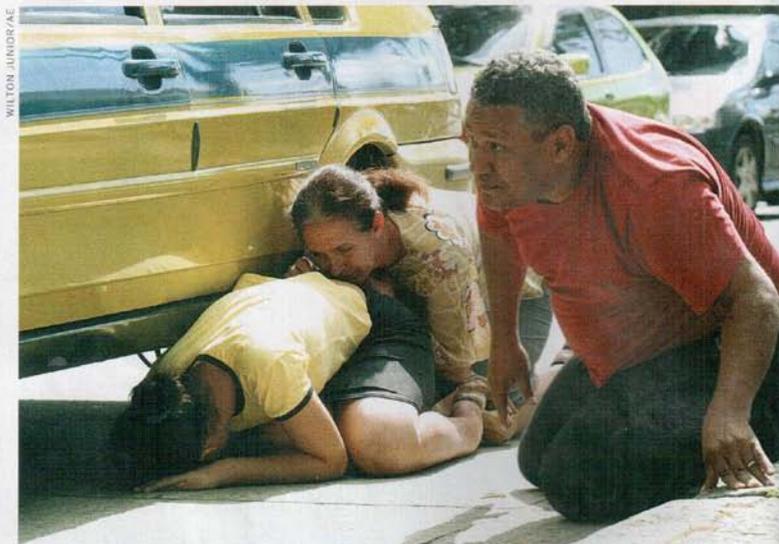
Tal etos guerreiro ou de excesso na masculinidade destrutiva, ao qual os jovens das quadrilhas aderem, impregna o lugar onde os meninos crescem. Pois era nas ruas que eles eram socializados para as práticas violentas. Ao adotar seus códigos, eles procuravam conquistar a consideração e aceitação dos membros da quadrilha. Assim se tornaram conformistas e perderam a autonomia, vindo a ser chamados de teleguiados pelos demais moradores. Assim foram progressivamente preparados para matar impiedosamente seus inimigos. Nesse processo, foram sendo anestesiados para o sofrimento infligido aos outros.

Alguns achavam que tal contexto social era composição natural e eterna das localidades pobres. Não era. Desmantelar as fortalezas de traficantes e interromper o fluxo de armas para a cidade são as primeiras medidas. Mas é preciso continuar a desfazer os círculos viciosos aqui analisados.

Tudo indica que melhorar a qualidade de atendimento na escola básica, além de educar para a civilidade, seja a saída para anular o retrocesso civilizatório que enfrentamos. No Brasil, não é o caso, como nos países onde exércitos mobilizam crianças e adolescentes, de trazer a criança de volta à escola, à família, à vizinhança, deixando de ser soldados. Trata-se de melhorar a escola de modo que não se tornem defasados no estudo e acabem evadindo-se dela.

O ponto central é, portanto, diminuir o contingente de jovens pobres que não trabalham nem estudam, que vagam pelas ruas, que reforçam as hostes dos que procuram as quadrilhas para se sentirem protegidos e encontrarem fontes de poder, dinheiro e aceitação de seus pares. Ensinar, sobretudo, o respeito aos outros – cidadãos, professores, familiares, vizinhos, colegas – a competir sem querer ganhar de qualquer maneira.

Mesmo assim, projetos baseados na vizinhança, em que moradores adultos arranjam atividades para acompanhar e socializar as crianças e adolescentes em situação vulnerável, não podem ser descartados. As escolas de samba, os blocos de carnaval e as escolinhas de esporte devem ser apoiadas, tanto quanto os novos projetos que desenvolvem identidades ou estilos juvenis globalizados, como os do hip-hop. Muitos



Desmantelar fortalezas de traficantes e interromper o fluxo de armas são apenas as primeiras medidas

Guerra sem fim. Taxista dá abrigo a mulher e sua filha durante tiroteio no Rio de Janeiro

moradores de bairros pobres e favelas, adultos, já estão mobilizados para interagir com os jovens de suas famílias e vizinhanças, mas faltam-lhes apoio público e reconhecimento.

Como o trauma resultante das experiências de violência é coletivo, essas iniciativas são mais exitosas em atrair os jovens e iniciar diálogo com eles do que programas que focam no indivíduo. Nelas, as famílias dos jovens podem também ser envolvidas e passar a participar do seu crescimento. As formas de associação vicinal implantadas na cidade têm exatamente esse espírito e constituíram, portanto, veículos importantes para se chegar aos jovens desgarrados e prepará-los para a vida adulta.

Por fim, os projetos têm de incluir o objetivo de reduzir o acesso e a posse de armas de fogo pelos jovens, pois é isso que os mata. As armas que portam vêm, pelo menos desde o fim dos anos 70, de depósitos das Forças Armadas, do contrabando, dos estoques das Polícias Militares e também dos poucos que guardam armas em casa ou andam armados na rua. Primeiramente, é preciso, pois, estancar esse fluxo que parte dos depósitos militares e das fronteiras do País.

Educar para a civilidade significa também prepará-los para exercer os direitos e deveres da cidadania, ensinando-lhes, inclusive, como proceder quando sofrem abusos e intimidações. ●

Em Sala

Guia de atividades didáticas

Competências

Compreender e valorizar os fundamentos da cidadania e da democracia, favorecendo uma atuação consciente do indivíduo na sociedade. Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas

Habilidades

Identificar estratégias que promovam formas de inclusão social. Reconhecer em textos de diferentes gêneros, recursos verbais e não verbais utilizados com a finalidade de criar e mudar comportamentos e hábitos

REDAÇÃO

Desafie seus alunos a escrever um rap que aborde o tema violência nas periferias e juventude no Brasil

O rap (*rhythm and poetry*, em inglês, ritmo e poesia) pode ser compreendido como uma manifestação de cidadania, uma espécie de reportagem da realidade dos jovens das periferias, marcada por privação e violência.

Criminalidade, drogas e exclusão são temáticas recorrentes no rap. É atravessado por fortes cargas de subjetividade: as letras carregam os desejos, as dores, a esperança, os projetos, fazem críticas ao tráfico de drogas e ao crime em geral. Isso fica também evidente nas escolhas expressivas e estilísticas.

Atividades

1 Proponha a produção de uma antologia de letras de rap, como a dos Racionais MC's, Sabotage, B'Negão, que permitam compreender como muitos jovens vivem nas periferias dos centros urbanos. Se preferir, sugira que planejem uma audição com clips disponíveis no YouTube.

2 Em seguida, solicite uma pesquisa a respeito das características desse gênero musical: qual a métrica predominante, o esquema rítmico etc.

3 Para compreender a articulação dessa forma poética com outros

gêneros da canção popular, assistam ao documentário de longa-metragem *Palavra (En)cantada*, dirigido por Helena Solberg, pode ser uma proposta bem interessante. O documentário faz "uma viagem na história do cancioneiro brasileiro com um olhar especial para a relação entre poesia e música. Dos poetas provençais ao rap, do carnaval de rua aos poetas do morro, da bossa nova ao tropicalismo".

4 Uma das formas de o cidadão denunciar os problemas que o afetam e cobrar soluções das autoridades é redigir uma carta aberta. Aproveitando a recente posse da presidenta e governadores, proponha a seus alunos a produção de uma carta aberta com a finalidade de expor as condições em que vivem muitos jovens das periferias dos grandes centros, apoiando-se na leitura da reportagem publicada em *CartaCapital*, bem como o artigo de Alba Zaluar. Além da denúncia do problema, é interessante apresentar propostas ou reivindicar soluções, apresentando argumentos.

Lembre seus alunos de que como a finalidade da carta aberta é estabelecer comunicação com a população em geral, mas também com as autoridades, o uso de linguagem formal é parte da construção da persuasão.

Saiba Mais

Fontes sobre o tema

Livros

Integração Perversa, Alba Zaluar (Editora FGV)

Um Século de Favela, Alba Zaluar e Marcos Alvito (Fundação FGV)

Tiras, Gansos e Trutas, Guaracy Mingardi (Scritta Editorial)

O Sindicato do Crime: PCC e outros grupos, Percival de Souza (Ediouro)



Rap na periferia.
Mano Brown,
líder do
Racionais MC's

6.2. ANÁLISE

6.2.1. Análise da matéria principal: “O dia seguinte”

“O dia seguinte” é uma reportagem de cinco páginas, escrita pelo repórter Rodrigo Martins. As duas primeiras páginas, 20 e 21 respectivamente, apresentam uma montagem fotográfica de grandes dimensões – quase um pôster – ocupando pouco mais da metade das referidas páginas, o que já provoca relevante impacto na leitura. Essas páginas, visualizadas lado a lado, garantem o efeito desejado pela revista, uma vez que a disposição da montagem fotográfica influencia a maneira como o leitor a percebe. Nas demais páginas dessa reportagem, nota-se um equilíbrio espacial entre fotografia e texto.

Seu País

Materia original disponibilizada em www.cartanascosta.com.br



O dia seguinte

SEGURANÇA | O Estado retoma o controle de morros do Rio, mas a população permanece refém da lógica da guerra

POR RODRIGO MARTINS, DO RIO DE JANEIRO

A O LADO DE UM caminho do Exército, ao menos 40 soldados se reúnem para receber instruções dos seus oficiais. Estão preparando para o combate: roupas camufladas, coletes balísticos, capacetes, fuzis e tiracólos. Poucos metros adiante, policiais vasculham a mochila de motosegadoras, pistolas apontadas para a cabeça dos suspeitos. Em volta, um vai-vém intenso de homens, mulheres e crianças aparentemente indiferentes ao cenário de guerra, montado no entroncamento da Estrada do Itararé com a Rua Joaquim de Queiroz, na Favela da Grota, um vale de casbreas erguidas na base de um precipício entre os morros do Alemão e da Aboráda. Esse é o cenário de uma das áreas que acabam de voltar ao controle do

Estado, após a megoperação envolvendo quase 3 mil homens das Forças Armadas e das polícias para combater o tráfico no Rio de Janeiro. A promessa: pacificar o local, com a presença permanente de agentes de segurança pública no local.

“Essa não é a primeira vez que a polícia ocupa o Complexo do Alemão. O povo está esperando de que a guerra do tráfico vai acabar, mas tem os seus receios. Tem que a polícia vá embora e tudo volte a ser como sempre foi”, comenta Alan Brum Pinheiro, coordenador do Instituto Raízes em Movimento, ONG que desenvolve projetos sociais no emaranhado de 13 favelas da zona norte, onde vivem mais de 45 mil habitantes. “Além disso, a população tem muito receio da polícia. Até porque ela sempre tratou o favelado com desrespeito, ao impor revistas vexatórias, invadir casas sem mandado, em alguns ca-

sos até para roubar pertences. Após essa operação, surgiram várias denúncias. Se o governo não enfrentar a corrupção na polícia, deixaremos de ser reféns do tráfico para ficar nas mãos de milicianos”.

Apesar dos rumores do líder comunitário, uma pesquisa revela que a população fluminense aprova as medidas adotadas pelo governo contra o tráfico. O Ibope ouviu mil moradores do estado do Rio, entre 27 e 29 de novembro, e constatou que 88% dos entrevistados se mostraram favoráveis às incursões da polícia nos morros cariocas. Passados dez dias da operação ocorrida para fazer frente aos ataques do Comando Vermelho, a principal facção criminosa do estado, o governo do Rio também fez um balanço positivo das operações que resultaram na retomada do controle estral sobre a Vila Cruzeiro e o Complexo do Alemão, considerados os maiores entrepostos do varejo de drogas na capital fluminense.

A operação foi um golpe no varejo do tráfico, pequena ponta do problema do comércio de drogas e de armas

Vítimas. A operação teve baixas: 12 mortos, 120 feridos e 100 presos.

20 WWW.CARTANASCOSTA.COM.BR

GARTA NA ESCOLA 21

O texto fotográfico trabalha com o paradoxo entre policiais fortemente armados, em atitude de ataque, e famílias acuadas, presas dentro de suas próprias casas. A imagem dos policiais (com armas em punho) apontando para uma família é um ponto relevante na montagem fotográfica, levando o leitor a refletir sobre a realidade vivida pelos moradores do Complexo do Alemão. Parte do texto verbal reforça a informação que é transmitida por meio desta montagem fotográfica,

principalmente na fala de Alan Brum Pinheiro, coordenador do Instituto Raízes em Movimento – uma ONG que desenvolve projetos sociais na região. Ele diz: “Além disso, a população tem muito receio da polícia. Até porque ela sempre tratou o favelado com desrespeito, ao impor revistas vexatórias, invadir casas sem mandado, em alguns casos até para roubar pertences. Após essa operação, surgiram várias denúncias. Se o governo não enfrentar a corrupção na polícia, deixaremos de ser reféns do tráfico para ficar nas mãos de milicianos.”

Por outro lado, o texto verbal também transmite outra informação, que por sua vez é contrária à mencionada anteriormente. O jornalista Rodrigo Martins diz que apesar dos temores do líder comunitário uma pesquisa do Ibope revela que 88% dos entrevistados aprovam as medidas adotadas pelo governo e dentre essas medidas estão as incursões da polícia nos morros cariocas.

No decorrer da reportagem nota-se que tanto o texto verbal quanto o texto fotográfico trabalham com os dois pontos de vista levantados na reportagem: as pessoas que apóiam e acreditam na atitude da polícia e as pessoas que temem a corrupção dentro da corporação, acreditando que correm o risco de substituição do opressor.

Procedendo-se mais especificamente a uma análise sob a luz dos critérios linguísticos especificados no anexo I deste estudo, pode-se observar a presença de elementos de sentidos relevantes como as figuras de linguagem que aparecem desde a montagem fotográfica até a composição do texto, passando pelo sugestivo título “O dia seguinte” – que remete, metaforicamente, ao futuro das pessoas que vivem no Complexo do Alemão.

Toda a reportagem é um constante paradoxo, girando entre guerra e pacificação, dentro de um tema explícito de violência urbana. É evidente a defesa da necessidade de combater a corrupção dentro da polícia, para que a ação contra o tráfico seja eficaz e para que a população efetivamente se beneficie. O jornalista destaca, nas páginas 22 e 23 da revista, a personagem coletiva das milícias integradas por policiais, que atuam como máfia escravizando moradores, cobrando taxa de proteção, traficando drogas, entre outros delitos. Segundo ele, há uma estimativa de que o tráfico controle cerca de 56,9% do território das mais de mil favelas fluminenses, enquanto as milícias, que começaram a tomar corpo há cerca de cinco anos, controlariam 41,5%. Tais dados estão registrados na página 23 da revista.

O sociólogo José Cláudio Souza Alves ressalta, no último parágrafo da página 22, o fato de estar ocorrendo no Rio de Janeiro uma reconfiguração geopolítica do crime, pois de um lado existem as milícias e de outro o Comando Vermelho e outras facções criminosas. Contudo, o texto deixa claro que essa situação de corrupção não abrange toda a corporação policial, que por sua vez fez um excelente trabalho na guerra contra o tráfico, registrando baixo índice de letalidade durante a operação. A foto localizada na página 23 da revista mostra a quantidade de armas que foram apreendidas na megaoperação, fortalecendo implicitamente a temática do sucesso na operação policial e militar.

Explícita e implicitamente é combatida a ideia de que a simples ocupação do morro pelos policiais tenha gerado pacificação no Complexo do Alemão. Conforme informações da página 22 e 23, a pacificação vai muito além da retirada de traficantes, depende da postura correta e íntegra da força policial que ocupa o morro, de uma infraestrutura adequada para a população proporcionando mais escolas, saneamento básico, programa habitacional, além de outras intervenções urbanas: [...] *Também foram anunciados a construção de 19 escolas, obras de contenção das encostas e um programa habitacional orçado em 144 milhões de reais, entre outras medidas* [...] página 22. [...] *Outra necessidade apontada pelos especialistas é a necessidade de reestruturação das polícias, do pagamento de salários mais dignos à criação de órgão de controle da atividade policial efetivos* [...] página 23.

A seleção lexical utilizada na matéria indica uma guerra de grandes proporções. São usadas palavras como: carnificina, megaoperação, roupas camufladas, coletes balísticos, fuzis, bazuca, combate, refém, lógica da guerra etc. O discurso hegemônico no texto verbal e no fotográfico da revista faz alusão a uma guerra civil, enquanto o discurso aparentemente hegemônico predominante na sociedade – sob o ponto de vista de uma primeira pesquisa, mencionada no último parágrafo da página 21 – é de pacificação por meio da retomada do controle dos morros do Rio de Janeiro pelo Estado e a instalação de Unidades de Polícia Pacificadora - UPPs.

É interessante observar que a localização espacial é explícita e bem determinada - refere-se ao espaço territorial do Complexo do Alemão -, assim como a localização temporal, pois refere-se aos anos de 2010 e 2011, mais especificamente ao final de 2010 e início de 2011. Um dos elementos

comprobatórios da localização temporal é a data da revista, fevereiro de 2011, bem como a data em que foi realizada a pesquisa do Ibope – 27 e 29 de novembro de 2010.

Utilizando o potencial informativo dos códigos verbal e fotográfico a revista abordou dois pontos de vista: as pessoas que apóiam e acreditam na atitude da polícia e as pessoas que temem a corrupção dentro da corporação, acreditando que correm o risco de substituição do opressor. É o leitor quem deverá tirar suas conclusões a partir da leitura de informações contidas tanto na dimensão verbal quanto na dimensão fotográfica, assim como de seu conhecimento de mundo, ou seja, suas informações adquiridas anteriormente.

6.2.2. Considerações sobre a matéria complementar: “Morte e vida nas favelas”

“Morte e vida nas favelas” é um artigo de quatro páginas, escrito pela antropóloga e professora titular da Universidade Estadual do Rio de Janeiro Alba Zaluar. Essa matéria foi chamada por nós de complementar, não por ser menos importante que a primeira, mas pelo fato de decorrer dela.

Assim como na reportagem anterior, há uma enorme imagem abrindo o texto escrito, uma fotografia que ocupa a metade superior da página – uma parte nobre das páginas de mídias impressas. Porém, neste caso, é uma fotografia única e não uma montagem, mas que, por si só, consegue transmitir a informação pretendida – a visualização das crianças nas favelas – de uma forma inicialmente suave, quando comparada às demais fotografias da matéria jornalística.

No decorrer da matéria, as fotografias vão ganhando impacto, enquanto a autora discorre verbalmente sobre a complexa relação entre pobreza, violência, criminalidade e sociedade. Adolescentes mortos em cima de uma calçada, pessoas se escondendo durante tiroteio e o momento em que um policial, empunhando sua arma, passa pela mira, grafitada, das mãos de um homem. À medida que o texto verbal se desenvolve, as fotografias são usadas para retratar sentimentos como medo, descaso e crueldade. São imagens que na composição da reportagem

chocam e retratam a angústia cotidiana de moradores das áreas de favelas. Não visam a ilustrar uma situação específica, mas, sim, instigam a percepção do leitor.

Nessa matéria, fica claro o posicionamento adotado pela autora do texto, em relação às ideias defendidas. É explícito o entendimento da antropóloga de que os efeitos da violência e o conseqüente sofrimento dos pobres em favelas estão diretamente ligados a três fatores: a violência de traficantes e policiais, pois a população se vê acuada tanto pelos traficantes quanto por alguns policiais corruptos, que deveriam proteger ao invés de oprimir; a falta de acesso a serviços e instituições do Estado, como por exemplo escolas, postos de saúde, quadras de esportes e vilas olímpicas; e a facilidade da obtenção de armamentos pesados advindos de portos, aeroportos e dos próprios depósitos de armamentos das forças armadas que militarizam o tráfico.

Nas páginas 27 e 28 da revista a autora mostra o entendimento de que a proximidade da violência fez os jovens adotarem posturas violentas, tanto para a autodefesa quanto para a autoafirmação. Segundo ela, os jovens dessas áreas de favelas morreram não apenas em conflitos pelo controle dos pontos comerciais, mas também por ameaças a suas reputações, pois ao ensaiarem afirmar sua masculinidade passaram a se identificar com o comando criminoso. No mesmo trecho do artigo, ela ainda afirma que, para reverter o que chama de “retrocesso civilizatório”, a saída é melhorar a qualidade da educação básica e resgatar valores de respeito ao próximo e civilidade, perdidos durante o convívio nas ruas.

Outra ideia defendida nas páginas 26 e 27 da revista é que o Estado precisa melhorar a qualidade dos serviços públicos de saúde, educação e a própria segurança, uma vez que, além das falhas já tão conhecidas nos sistemas de saúde e educação, ainda se faz presente a corrupção de policiais, o excesso de violência da polícia nas áreas de favelas e a falta de interesse em investigar crimes de homicídio ocorridos nesses locais. Dessa forma, temos implicitamente a ideia defendida pela autora de que a impunidade estimula a criminalidade.

O tema predominante na matéria de Alba Zaluar é a cidadania, e a seleção lexical presente no texto refere-se tanto a inclusão quanto a exclusão social de cidadãos que vivem em favelas. Há palavras como vitimização, cultura suburbana, crime de pobres, violência, tráfico, sofrimento, investigação, precário, disputa, rivalidade, controle do tráfico, políticas públicas, capacidade organizativa, associações de moradores, educar, civilidade etc.

A localização espacial, assim como a da matéria principal, é explícita, pois existem tanto elementos linguísticos como fotográficos que apontam para a cidade do Rio de Janeiro. Como exemplo de elemento visual, destaca-se a última fotografia, em que aparecem três pessoas abaixadas atrás de um táxi escondendo-se de um tiroteio. O táxi é amarelo contendo uma faixa azul em sua lateral, e no Brasil a localidade que possui táxis assim é a cidade do Rio de Janeiro. Um exemplo de elemento linguístico, além da legenda da referida foto que cita a cidade do Rio de Janeiro, é que a autora cita regiões administrativas com maior proporção de jovens que não chegam aos 30 anos de idade: Jacarezinho, Maré, Rocinha e Cidade de Deus, situados no Rio de Janeiro. Da mesma forma, a localização temporal é explícita, pois o artigo foi escrito e publicado na revista *Carta na Escola* de fevereiro de 2011 e contempla realizações gramaticais de pessoas, tempos, espaços e temas indicando o tempo presente, como por exemplo “atingem crianças e jovens pobres”; “impede”; “inclui”; “enfrentam incursões eventuais e violentas”; “não são investigados”; “são apenas as primeiras medidas” etc.

O artigo analítico escrito pela autora não é um retrato da megaoperação realizada no Complexo do Alemão, mas sim um balanço feito a longo prazo sobre as condições de vida dos moradores de áreas de favelas, sob o ponto de vista de uma profissional que acompanhou a evolução da ocupação do tráfico nas favelas. Embora o artigo tenha sido escrito recentemente, à época da ocupação, ele contém a visão de mundo adquirida pela autora ao longo de sua carreira.

Como foi afirmado anteriormente, as matérias da unidade textual são interligadas, sendo que o artigo analítico de Alba Zaluar decorre da matéria principal: a reportagem do jornalista Rodrigo Martins. Por esta razão tomamos aqui emprestada a fala da coordenadora de Direitos Humanos do Observatório das Favelas, Raquel Willadino - apresentada na reportagem principal - em que ela diz que a polícia numa atitude inédita usou instrumentos de inteligência para fazer ataques precisos e poupar a vida de civis. Essa fala reforça a análise da autora Alba Zaluar quando ela discorre sobre o histórico de ações violentas da polícia. Percebe-se que o histórico é de violência e omissão na atuação da polícia em áreas pobres, mas por outro lado surgem atitudes que mostram mudança nesse cenário. Consequentemente a própria população reconhece e acredita nessa evolução enquanto alguns ainda têm um olhar de desconfiança.

6.2.3. Considerações sobre as propostas de atividades: “Em Sala”

A proposta de atividades é uma extensão das duas matérias jornalísticas, com o objetivo principal de levar jovens alunos de escolas a refletirem sobre cidadania, democracia, privação de direitos, violência e demais assuntos abordados e analisados na reportagem e no artigo.

Neste caso, a fotografia presente no fim da página tem como objetivo ilustrar uma das atividades que foram propostas pela revista *Carta na Escola*, mostrando um cantor de Rap, seu estilo e o público que ele atinge. A própria disposição da fotografia, que se encontra centralizada no fim da página, enquanto o texto verbal ocupa as posições mais nobres de páginas de mídias impressas, coloca em evidência o texto escrito.

A proposta de atividades “Em sala”, apresentada na página 29, tem um tema explícito, a violência nas periferias e a juventude no Brasil, ficando claro nos objetivos pretendidos das quatro propostas de exercícios que as ideias defendidas são a inclusão, a valorização da cidadania dos jovens e o exercício do direito de manifestá-la. A seleção lexical é diretamente influenciada por esse tema, mas também reflete o caráter educativo, mediante o uso de palavras como compreender, valorizar, cidadania, comportamentos, hábitos, alunos, opiniões, escolhas etc.

A imagem fotográfica auxilia na localização espacial, que é explícita, pois revela elementos linguísticos presentes na imagem - como por exemplo a faixa amarela com a escrita em vermelho pouco nítida, na página 29 “caip-fruta” e a camisa de um rapaz contendo as palavras “Paulistano” e “Jd. Iguatemi” entre outros, que indicam que se trata do território brasileiro, mais especificamente das periferias brasileiras. Quanto à localização temporal, pode-se dizer que ela também é explícita, na medida em que esta proposta de atividade foi publicada na revista *Carta na Escola* de fevereiro de 2011 e contempla realizações gramaticais de pessoas, tempos, espaços e temas indicando o tempo presente, como por exemplo “desafie seus alunos”; “proponha”; “assistam ao documentário”; “recente posse da presidenta e governadores” etc.

Além da compreensão e valorização dos fundamentos de cidadania e democracia e da conscientização sobre os direitos e deveres que jovens de classe economicamente baixa possuem, as atividades propostas ensinam e exercitam algumas habilidades. São elas: argumentação, identificação de estratégias para a

promoção da inclusão social e reconhecimento de recursos verbais e não verbais utilizados com a finalidade de criar e mudar comportamentos e hábitos. São sugestões de exercícios que podem ser eficazes no ensino de leitura e produção de textos, uma vez trabalham com um tema presente na vida dos jovens, principalmente aqueles de comunidades economicamente carentes, despertando o interesse por ser um meio capaz de dar voz às suas cobranças e manifestações.

As quatro atividades que foram propostas, bem como a exposição das competências e habilidades a serem desenvolvidas por meio delas, refletem o discurso hegemônico presente nesta parte da unidade textual “Em sala”: valorização do indivíduo através da conscientização de direitos e deveres, assim como da maneira de cobrar soluções e denunciar abusos.

7. CONCLUSÃO

Os três textos presentes nesta unidade textual apresentam um discurso jornalístico educacional, sendo jornalístico no plano da enunciação e educacional no plano do enunciado. Esse discurso jornalístico educacional se desenvolveu em duas dimensões complementares – a verbal e a fotográfica – possibilitando aos leitores uma ampliação do campo de compreensão, ou seja, uma visão do todo mais rica e detalhada.

A análise da unidade textual enfocou pontos que merecem ser enfatizados, tomando como ponto de partida o entendimento de Walty et al. (2001, p. 90), segundo o qual imagens e escrita não são aspectos opostos e excludentes. As fotografias analisadas têm um importante papel no conteúdo informacional das matérias em que se inseriram e ocupam um espaço significativo em suas páginas.

É importante ressaltar que, embora os códigos verbal e fotográfico estejam em sintonia, isto não significa que a informação esteja duplicada em ambos. Pelo contrário, o conteúdo informacional dos dois códigos se complementa, contribuindo para uma visão mais ampla e completa do assunto. Portanto, essa interação tanto pode enriquecer e complementar o texto verbal como tornar sua significação mais densa, abrindo outras perspectivas de interpretação e conscientização do leitor.

Na reportagem principal, “O dia seguinte”, a montagem fotográfica feita nas duas primeiras páginas extrapola a condição de simples ilustração, contribuindo para garantir um sentido mais amplo à ocupação da favela do Complexo do Alemão. As imagens informam sobre sentimentos de insegurança e medo vividos pela população.

Os dois códigos – verbal e fotográfico – mostraram-se em constante interação, ora a fotografia informava sobre a violência de criminosos e de policiais, ora informava sobre o quão bem sucedida foi a ação policial. Da mesma forma o texto escrito passava tais informações, deixando que o leitor tirasse suas conclusões com base nas informações da reportagem e de seu próprio conhecimento de mundo. O texto verbal interagiu intensamente com o texto fotográfico complementando a informação e contribuindo para uma informação global mais rica.

Analisando a dimensão verbal da reportagem principal, sob os critérios linguísticos, percebeu-se que, no texto escrito, a seleção lexical construiu um cenário bélico, em sintonia com o discurso presente na fotografia, uma vez que

ambos remeteram à temática de guerra. Por exemplo, na descrição da imagem de policiais com roupas camufladas, em posição de ataque, atrás de uma barricada, com armamentos dignos de uma guerra, a seleção vocabular contemplou palavras como: carnificina, megaoperação, roupas camufladas, coletes balísticos, fuzis, bazuca, combate e outras. Outro ponto convergente nesses dois códigos diz respeito a personagens das matérias, explícitas tanto no texto verbal quanto na fotografia.

Outro aspecto que cabe aqui ressaltar é o subtítulo da reportagem: “O Estado retoma o controle de morros do Rio, mas população permanece refém da lógica da guerra”. O leitor tem a sensação de que, embora a polícia tenha invadido o morro, os moradores permanecem em ambiente de violência. Nota-se que texto verbal e imagem fotográfica são aliados numa compreensão mais ampla da matéria.

Na matéria complementar, publicada na revista *Carta na Escola*, observou-se que mais uma vez texto e imagem caminharam juntos. Porém, neste caso, as imagens ilustraram o cotidiano da favela, detalhando e aprofundando o texto verbal, na medida em que dimensionaram o sofrimento e a falta de amparo relatados e analisados pela reportagem. A primeira imagem fotográfica retrata a vida de crianças nas favelas. A partir da segunda fotografia, o texto verbal começa a impactar o leitor e a enfatizar o que é dito no artigo. A foto complementa o texto escrito produzindo o efeito de transmitir uma informação global mais rica.

Cabe ressaltar que o artigo escrito pela antropóloga não foi baseado apenas nas informações sobre a megaoperação. Ela, que é uma especialista em violência urbana, contou com sua bagagem de conhecimentos, um histórico baseado em pesquisas de anos anteriores, bem como na sua vivência da realidade em áreas de favela. Por estas razões o texto foi mais analítico. Nesse caso, as imagens dimensionaram o sofrimento e a tensão dos moradores dessas áreas. Outro aspecto relevante foi que fotografias e texto escrito informaram em um mesmo e único sentido: o descaso que classes pobres vêm sofrendo, culminando em violência e criminalidade. Não houve um segundo ponto de vista como na matéria principal.

A proposta de atividades em classe, por sua vez, tem papel fundamental na unidade textual, uma vez que apresenta possibilidades para que o educador – ou até mesmo outro leitor – desenvolva reflexões sobre os assuntos abordados nas matérias anteriores através de sugestões de exercícios. Outro aspecto relevante nesta proposta é o fato de instigar o exercício da cidadania, ao sugerir que sejam

desenvolvidos meios para cobrar, questionar e relatar determinados assuntos de interesse da comunidade em geral. Nesse caso, a fotografia ilustrou uma das propostas de atividade, mas também serviu como instrumento para mostrar que atitudes de denúncia e cobrança têm, sim, espaço e voz na sociedade.

Essa proposta de atividades fecha a unidade textual, possibilitando um ciclo completo de leitura e produção de textos em sala de aula. Nessas atividades que foram propostas pela revista o aluno faz uma produção textual e não uma redação. A diferença dessas duas atividades é explicada por Geraldi (1997, p. 136-137). Segundo ele, a diferença entre produção de textos e redação nas atividades escolares é que na primeira os alunos produzem textos na escola, enquanto na segunda produzem-se textos para a escola. Essa distinção faz toda diferença quando se analisa as condições da produção textual. A redação é uma tarefa escolar que não tem fins reais, os alunos escrevem muito e dizem pouco, ou seja, se tem muita escrita e pouco discurso. A escrita é ficcional e o aluno não vê uma verdadeira finalidade para construir seu texto. Já a produção textual, apesar de ser feita na escola, tem uma finalidade. O aluno escreve sobre um tema real e para um destinatário real, a atividade passa a ter um propósito (um conteúdo a dizer) que vai além do simples fato de se escrever para mostrar que aprendeu. É o tipo de atividade que treina a escrita principalmente porque envolve dedicação e motivação por parte do aluno.

Dessa forma, a unidade textual auxilia professores e educadores no ensino de uma leitura criteriosa e de uma escrita baseada em argumentos de democracia e cidadania, que cumprem, segundo Geraldi (1997, p. 137), as cinco condições necessárias de produção textual: se tenha o que dizer; se tenha uma razão para dizer; se tenha para quem dizer; o locutor se constitua como tal, enquanto sujeito que diz o que diz para quem diz e, por último, se escolha as estratégias para realizar as condições anteriores.

Em resumo, percebe-se que em toda a unidade textual as imagens exploradas exercem diversas funções dentro dos textos. Em nenhum dos casos analisados funcionaram como simples ilustrações, dispensáveis por nada acrescentarem. Foi possível comprovar o entendimento de Barthes (1990, p. 11) ao sabiamente afirmar que a fotografia jornalística é uma mensagem, e, dentro da reportagem, ela não é uma estrutura isolada, uma vez que interage intensamente com o texto verbal. A

dimensão verbal necessita tanto quanto a dimensão fotográfica de produzir um diálogo com o que já foi absorvido anteriormente.

BIBLIOGRAFIA

- AUMONT, Jacques. *A imagem*. Campinas: Papirus, 2002
- BARTHES, Roland. *O óbvio e o obtuso: ensaios críticos III*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- FARIA, Antônio Augusto Moreira de. Interdiscurso e intradiscurso: da teoria à metodologia. In: MENDES, Eliana Amarante de Mendonça; OLIVEIRA, Paulo Motta; BENN-IBLER, Veronika. *O novo milênio: interfaces linguísticas e literárias*. Belo Horizonte: UFMG / FALE, 2001.
- FARIA, Antônio Augusto Moreira de. *Discurso, texto e frase: relações semânticas e sintáticas*. Caderno Linguístico Didático: Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.
- FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Editora Ática, 2005.
- GARCEZ, Lucília Helena do Carmo. A leitura da imagem. In: ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de; MORAN, José Manuel. *Integração das tecnologias na Educação*. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2005.
- GERALDI, João Wanderley. O professor como leitor do texto do aluno. In Maria Helena Martins (Org.). *Questões de linguagem*. São Paulo: Ed. Contexto, 1991.
- GERALDI, João Wanderley. *Portos de Passagem*. 4ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Termos-chave da análise do discurso*. Belo horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens: uma história de amor e ódio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MOURA, Cláudia Ferraresi C. Caldeira de. *Relações discursivas entre o plano verbal e o fotográfico em álbuns de Sebastião Salgado*. 2004. 138 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.
- PINHEIRO, Viviane Seabra. *Analisando significados de capas da Revista Raça Brasil: Um estudo de caso à luz da Semiótica Social*. 2005. 138 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
- SANTAELLA, Lúcia; NÖTH, Winfried. *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras, 1998.

SILVA, Rafael Souza. Diagramação: o planejamento visual gráfico na comunicação impressa. São Paulo: Summus, 1985.

WALTY, Ivete Lara. C; FONSECA, Maria Nazareth S.; CURY, Maria Zilda F. *Palavra e imagem: leituras cruzadas*. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

Revista:

Carta na Escola nº. 53 (fevereiro de 2011). São Paulo: Ed. Confiança.

ANEXO I ¹

Primeira parte: critérios lingüísticos para análise de discursos e seus constituintes (textos, frases e palavras, entre outros)

PLANO ENUNCIVO (ENUNCIADO)

A) Alguns elementos semânticos a serem identificados:

1. Seleção lexical.
2. Tema(s) - explícitos, implícitos ou silenciados - relacionado(s) a cada personagem.
3. Participantes (“personagens”) - explícitos, implícitos ou silenciados - no intradiscurso, nos textos.
4. Localização espacial - explícita, implícita ou silenciada.

5. Localização temporal - explícita, implícita ou silenciada.
6. Outros elementos de sentido relevantes (verossimilhança e linguagem figurada, p. ex.).
7. Conjuntos de idéias defendidos (explícita ou implicitamente) a partir dos elementos lingüísticos acima.
8. Conjuntos de idéias combatidos (explícita ou implicitamente) a partir dos elementos lingüísticos acima.

B) Alguns elementos micro e macrossintáticos a serem identificados:

1. Forma básica do intradiscurso: prosa e verso.
2. Organização das frases em parágrafos (na língua escrita), turnos de fala (na língua oral) ou estrofes (em ambas).
3. Organização das palavras em frases – oracionais ou nominais.
4. Realizações gramaticais de pessoas, tempos, espaços e temas.
5. Outros elementos morfossintáticos relevantes (aspecto verbal, p. ex.).

C) Alguns elementos simultaneamente semânticos e sintáticos a serem identificados:

1. O(s) discurso(s) estruturado(s) a partir dos elementos lingüísticos acima.
2. O posicionamento do discurso hegemônico no(s) texto(s), com relação aos discursos hegemônicos na sociedade em que se situa.
3. Outros elementos enuncivos relevantes.

PLANO ENUNCIATIVO (ENUNCIÇÃO)

1. Temas, pessoas, espaços e tempos inferidos a partir do enunciado verbal, escrito ou oral (v. B4 do plano enuncivo).
2. Identificação dos principais elementos de linguagem não verbal.
3. Características sincrônicas e diacrônicas dos elementos não verbais em

¹ As informações deste anexo I foram retiradas de FARIA, Antônio Augusto Moreira de. *Discurso, texto e frase: relações semânticas e sintáticas*. Caderno Linguístico Didático: Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.